



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Um sinal de esperança

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Lucy Wenzel

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

♦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

♦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

♦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

♦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- do mesmo autor;
- sobre o mesmo assunto e gênero;
- leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Um sinal de esperança

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Giselda Laporta Nicolelis nasceu em São Paulo, SP, em outubro de 1938. Formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Publicou sua primeira história em 1972 e o primeiro livro em 1974, ambos pela Editora do Escritor, São Paulo. Foi então que descobriu seu verdadeiro caminho: a literatura infantil e juvenil, crianças e adolescentes. Hoje sua obra abrange 100 títulos, entre livros infantis e juvenis, ficção, poesia e ensaio, publicados por trinta editoras, com centenas de edições, e cerca de 5 milhões de exemplares vendidos. Exerceu também o jornalismo, em publicação dirigida ao público infantil e juvenil, e trabalhou como coordenadora editorial, em duas coleções juvenis. Sócia-fundadora do Celiju — Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil —, cujo acervo se encontra atualmente na USP, sócia da UBE (União Brasileira de Escritores), do Sindicato de Escritores do Estado de São Paulo e da Clearing House for Women Authors of America, USA.

RESENHA

Oldemar é um menino pobre, como vários outros que vivem na favela e estão sujeitos às tentações do mundo do crime. Entretanto, esse menino, criado pela avó Rosa, resiste ao assédio de bandidos ligados ao tráfico de drogas, apesar de pressionado de modo insistente e duro. Oldemar, corajosamente, enfrenta o medo de ser morto, mas não se submete às ameaças que recebe.

Fortalecido pela crença de sua avó de que tem uma missão a cumprir, de que será um novo Zumbi da raça negra, segue em frente na sua vida precária, mas confiante de que se destina a um futuro grandioso.

COMENTÁRIO SOBRE A OBRA

Não fica difícil entender por que tantos adolescentes têm trocado cada vez mais cedo a escola pelo crime ou pelo trabalho no tráfico de drogas, quando se considera que, segundo o censo 2000, mais de 50% da população brasileira ganha até dois salários mínimos.

Acostumamo-nos a encontrar notícias em jornais, denunciando o aliciamento de crianças de oito a nove anos para trabalhar no tráfico como “olheiras”, com a tarefa de avisar traficantes da presença de suspeitos ou da polícia nos pontos de venda de drogas. Quando é promovido, o adolescente assume o posto de “aviãozinho”, que vende pó, maconha e outros entorpecentes, recebendo, normalmente, bem mais do que o valor do salário mínimo em bocas de fumo.

Um sinal de esperança retrata o desamparo com que nossas crianças e suas famílias enfrentam o “poder paralelo”, principalmente em áreas de alto risco como a favela em que moram Oldemar e sua avó Rosa. Abandonados pelo poder público, sobrevivem à custa do sonho de reencarnar um Zumbi que não sucumba aos Golias.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: pobreza, trabalho infantil, tráfico de drogas, violência

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Geografia

Temas transversais: Trabalho e Consumo, Ética, Pluralidade cultural

Público-alvo: alunos de 5^a e 6^a séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Converse com os alunos sobre o título do livro *Um sinal de esperança* e o que ele sugere. Em seguida, peça aos alunos para relacioná-lo à capa criada por Ana Sofia.

Dividida em três partes, observa-se, em sua parte inferior, os olhos de uma criança negra; na parte central, a paisagem de uma favela que ocupa um morro e, na parte superior, um límpido céu azul. Há uma narrativa na composição: a esperança simbolizada pelo céu é da criança, a realidade a ser transposta é a da pobreza e seus riscos.

2. Quais poderiam ser os “sinais de esperança” para as crianças de famílias de baixa renda?

Durante a leitura

1. Leia, com os alunos, o título do primeiro capítulo — “Favela ou quilombo?”.

Peça para pesquisarem o que eram os quilombos e por que surgiram. Proponha também que investiguem quem foi Zumbi. Relacione as informações levantadas com a situação da narrativa desenhada no capítulo inicial.

2. Detenha-se no cenário do livro: a favela. Se sua escola tiver um laboratório de informática, convide seus alunos para visitar o site <http://www.vivafavela.com.br/>. O portal “Viva Favela” é uma iniciativa da Organização Não-Governamental “Viva Rio”. Nele os alunos poderão conhecer um pouco sobre a favela e, quem sabe, vê-la com olhos livres de preconceito. Na página de início, clique em “Favela tem memória”, depois, clique em “Depoimentos” e se emocione com o relato de alguns moradores. Avance e clique em “Sopa de números” e se impressione com os dados sobre a população moradora das favelas do Rio. Clique em “Especiais” e compreenda melhor o problema lendo alguns artigos assinados por diferentes jornalistas.

3. Rosa acredita que o neto tem uma missão importante a cumprir, e sua fé no fu-

turo é fortalecida pelas previsões de Mãe Brasilina: os búzios não mentem.

Explique aos alunos que é através do jogo de búzios que Babalorixás e Ialorixás consultam seus deuses sobre os problemas do consulente.

Será que as profecias dos búzios e a confiança de Rosa se confirmam? Será que é esse o *sinal de esperança*? Convide-os a seguir as trilhas do menino Oldemar.

Depois da leitura

◆ nas tramas do texto

1. Releia a epígrafe do livro e peça que os alunos justifiquem a escolha da autora a partir do desenvolvimento do enredo.

2. No segundo capítulo, deparamo-nos com uma cena de intolerância e violência que termina em morte de crianças. Comente o episódio e lembre fatos recentes de intolerância que terminaram em morte.

3. Discuta com os alunos a questão do envolvimento das crianças com o tráfico de drogas. Como solucionar o problema?

4. Produzir um texto, usando os argumentos apresentados pelos alunos para as possíveis saídas para se acabar com a violência, e que sinais de esperança podem ser apresentados à população?

◆ nas telas do cinema

Central do Brasil, dirigido por Walter Salles e distribuído pela Europa Home Vídeo. O filme conta a história do menino Josué e de Dora, que se dedica a escrever cartas para os analfabetos, na estação da Cen-

tral do Brasil. Os dois, juntos, saem em busca do pai do garoto numa viagem pelo interior do Brasil.

◆ nas ondas do som

Não deixe de apresentar Oldemar aos meninos do Chico. Você pode conseguir as letras no site <http://www.chicobuarque.com.br>

* *Pivete* (1978), de Chico Buarque, em parceria com Francis Hime, CD *Paratodos*.

No sinal fechado

Ele vende chiclete

Capricha na flanela

E se chama Pelé

* *O meu guri* (1981), de Chico Buarque, CD *Almanaque*.

Desde o começo, eu não disse, seu moço

Ele disse que chegava lá

Olha aí, olha aí

Olha aí, aí o meu guri, olha aí

Olha aí, é o meu guri

◆ nos enredos do real

1. Organize a turma em grupos e encarregue cada um de alimentar, durante o período de duração dos trabalhos, um mural com recortes de jornais e revistas sobre:

* a situação do negro no Brasil;

* o envolvimento de crianças e jovens com tráfico de drogas;

* a questão da violência nas cidades grandes.

2. Estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que, em 2001, 5,4 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos trabalhavam no Brasil. Desse total, 2,2 milhões (o equivalente a 48,6%) não recebiam qualquer remuneração e 77% dos adolescentes que trabalhavam recebiam um salário mínimo ou menos.

Amplie a pesquisa sobre a questão do trabalho infantil: causas e conseqüências.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

O pássaro de duas metades — São Paulo Moderna

De volta à vida — São Paulo, Moderna

Espelho maldito — São Paulo, Saraiva

Mudando de casca — São Paulo, Moderna

Amor não tem cor — São Paulo, FTD

► sobre o mesmo gênero e assunto

Amarelinho — Ganymédes José, São Paulo, Moderna

Crianças na escuridão — Júlio Emílio Braz, São Paulo, Moderna

Eu gosto tanto de você... — Leila Rentroia Iannone, São Paulo, Moderna

► leitura de desafio

Trabalho infantil: o difícil sonho de ser criança, Cristina Porto, Iolanda Huzak e Jô Azevedo, São Paulo, Ática

O livro reúne literatura e informação sobre as diversas e cruéis formas que o trabalho infantil assume no Brasil.